

A IRREVERÊNCIA POÉTICA DE ARQUÍLOGO

NELY MARIA PESSANHA

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Pretende-se demonstrar que a poesia de Arquílogo de Paros, embora se revele herdeira da tradição poética anterior e apresente muitos aspectos comuns com a floração poética da Grécia arcaica, dela se distancia na medida em que não elege como principal eixo temático a celebração dos grandes feitos divinos e humanos. Um novo fazer poético instaura-se, então: ao *épainos* substitui o *psógos*, que além de expressão do vitupério, abrange também o campo semântico do *geloion*, conforme propõe Bakhtin. Analisam-se, à guisa de exemplo, os fragmentos 101W, 114W, 125W e 133W.

Palavras-chave: Literatura grega, lírica arcaica, elegia.

Arquílogo de Paros, poeta cultor de elegias e, sobretudo, de iambos, ocupa um lugar de relevo, digno do atribuído a Homero, Hesfodo e Safo, dentro da floração poética da Grécia arcaica.

Revela-se a obra do iambógrafo, sob muitos aspectos, herdeira do legado da tradição poética que lhe antecede. Conhece bem o poeta, como registro literário do grego arcaico, os acordes do estilo formular da epopéia. Dedilha-os com maestria, modulando-os, por vezes, segundo os tons elevados da épica homérica e hesiódica, muitos dos quais se converteram em constantes da poesia grega arcaica.

A sujeição dos mortais a poderes que os transcendem, as oscilações da sorte humana, a reverência aos imortais são, dentre outras, notas que ecoam, na poesia de Arquílogo, numa mesma escala tonal das que ressoam tanto na produção poética que lhe é anterior, quanto na posterior. Mas, a despeito dessa proximidade, o poeta, valendo-se do código literário à sua disposição, muitas vezes desconstrói-o, subverte-o e constrói um outro em que não se privilegiam a contemplação e a exaltação do passado como tempo ideal e em que a palavra poética, deixando de ser apenas expressão do *épainos* dos atos de bravura, das façanhas dos *áristoi*, se insere numa ordem mais próxima da contemporaneidade do poeta. Confere ele literariedade a temas, considerados menores pela Antigüidade, por não se enquadrarem nos limites do *épainos*.

Em muitos de seus fragmentos, o poeta questiona os valores que norteavam a sociedade arcaica; critica os poderosos; dá relevo à invectiva e à zombaria. Acresce, ainda, que, utilizando-se da linguagem solene da epopéia, apresenta, de forma sublime, temas ditos populares e vulgares, como os que se inserem no domínio do amor-paixão, chegando até o obsceno. Esta é a poesia do *psógos*, poesia, segundo a lição de Aristóteles, em *Poética* 1448b 24-27, vulgar, porque distante dos cânones literários vigentes, afeitos à celebração dos deuses imortais e à glorificação das ações daqueles que se distinguem pela excelência. Privilegia a poesia do *psógos* as ações ordinárias do homem comum e apresenta-se, por vezes, colorida das tintas da *kakología*. Parece, contudo, como postula Gentili (Gentili, 1984, p. 143 e ss), que os limites

do *psôgos* não se restringem ao vitupério, diretamente dirigido a um indivíduo determinado. Ultrapassam-no. Pode-se dizer que a poseia do *psôgos* serve de expressão não somente à crítica mordaz e depreciativa, ao posicionamento escarnecedor e injurioso, à contestação do estabelecido, mas também configura-se como zombaria e jocosidade, abrangendo assim “no seu campo semântico toda a dimensão do *geloion*, do jocoso ou do ‘sério-cômico’, no sentido que este termo adquiriu na teoria do texto literário de M. Bakhtin” (Gentili, 1984, p. 143).

Segundo o estudioso russo, os gêneros do sério-cômico extraem seus temas, sobretudo, do momento presente, da realidade circundante, desprezando a contemplação e a exaltação do passado, como tempo modelar, arquetípico. Podem, por vezes, recorrer ao mito e ao passado como objeto de representação, mas interpretam-no sob a ótica do mundo que lhes é contemporâneo.

Há, em muitos dos fragmentos do poeta de Paros, mormente nos de temática guerreira, um distanciamento da postura épica de encarecimento dos valores heróicos, presentes numa sociedade aristocrática, como era a da Grécia arcaica, que prezava o *épaios* como galardão da areté, como traço distintivo de realce dentro da comunidade. Porte majestoso, bravura guerreira, destemor face ao inimigo, glória *post mortem*, valores tão decantados na epopéia homérica e encarecidos pelos soldados não encontram, muitas vezes, ressonância no microcosmo do poeta, conforme se pode depreender, por exemplo, dos fragmentos 101W, 114W, 125W, 133W. E essa desconstrução do ideal heróico adquire, em muitos casos, o tom de ironia.

Observa-se também que os fragmentos onde são mencionados personagens como Glauco e Péricles parecem nomear pessoas próximas ao círculo social do poeta, tal é familiaridade com que a eles se dirige. Glauco, por exemplo, deve ter sido um dos notáveis da cidade, como parece comprovar um *mnéma*, datado do século VII a.C., descoberto em 1954, perto da entrada de Tasos. Pode-se exemplificar com o fragm. 124a/b, em que, a julgar da lição de Ate-neu, que o transmite, há referência a Péricles, considerado glutão, avaro e transgressor das normas sociais:

- a) Mykonfon dŕken
 b) pollòn dè pŕnon kai khalkreten méthy,
 oúte tŕmon eisenefkas
 oudè mèn klethefs élthes hofa dè phŕlos,
 allà seo gastèr nóon te kai phrénas paregagen
 eis anaidefen,

Aponta, ainda, Bakhtin, como característica do sériocômico, a pluralidade de estilos e a variedade de vozes. Ora, ocorre, em alguns iampos de Arquíloco, a combinação do sublime com o vulgar, evidenciada, sobretudo, no uso de uma linguagem elevada, próxima à da epopéia homérica, para expressão de temas vulgares e até mesmo grosseiros. À guisa de exemplo pode-se citar o fragm. 42W:

hósper autôi brŕyton è Thréix anér
 è Phryx émuze kybda d'en poneoméne

Segundo Page (In: *Entretiens sur l'Antiquité Classique*, t. X, p. 153), “a obscenidade é expressa em termos altamente poéticos, com um toque de cor tradicional na frase è *Thréix anér* / è *Phryx*”. Notam-se, ainda, discursos relatados, como nos fragmentos 23W e 196W e, em 19aW e 122W, o uso do procedimento retórico da *persona loquens*. Observa-se, pois, ao analisar os fragmentos de Arquíloco, que muitos deles partilham do domínio do sério-cômico, como preceitua Bakhtin. Serão, contudo, objeto de estudo os fragmentos 114W, 101W, 133W e 125W.

No fragm. 114W, desenha-se o retrato de um novo modelo de herói, um *stratēgós*, que West (West, 1974, p. 130), sem apresentar maiores explicações, supõe ser Leófilo:

*ou philéo mégan strategòn oudè diapepligménon
oudè bostrýkhoisi gaúrōn oud'hypexyreménon,
allá moi smikrós tis efe kai peri knémas ideîn
rhoikós, asphalēos bebekòs possí, kardés pléos.*

Partindo de características que enfatizam aspectos físicos, tais como estatura, cabelos, modo de andar, cria-se um *stratēgós* que, à maneira dos heróis homéricos, não-possui a beleza como um de seus traços essenciais. Longe está ele de merecer o epíteto *isótheos*, conferido a vários guerreiros, como por exemplo, a Menelau – *ho d'en mésssoisi parístato isótheos phos* (*Ilíada*, 4,212).

De baixa estatura, *smikrós* portanto, contrastando com o rejeitado *mégas stratēgós*, deveria ser o general modelo. Ora, ainda que alguns heróis homéricos, dentre os quais se pode citar Tideu – *Tideús toi mikrós mèn éen démas allà makhetés* (*Ilíada*, 5,801) –, sejam assim caracterizados, constituem eles exceção. Aquiles, por exemplo, se diz *kalós·e mégas* – oukh horáais háos kai egò kalós te mégas te (*Ilíada*, 21,108). Alto também era o herói Cébrion que fora morto por Pátroclo – *ho dè strophálingi konfes / keito mégas megalostí* (*Ilíada* 16,775-6).

Mas, sobre ser alto, fora o grande general aquinhoado com a imponência do porte, como se infere não só do participio *diapepligménon*, mas também do adjetivo *gaúros* em íntima relação com o substantivo *bostrýkhoisi*.

A partir do verbo *plíssomai*, “afastar as pernas para andar”, “caminhar a passos rápidos e cadenciados”, que ocorre em *Odisséia* 6,318, eú dè plíssonto pódessin –, Arquíloco cunha o participio *diapepligménon*, cujo sentido primeiro é “aquele que anda com as pernas afastadas”, isto é, “aquele que anda com passadas largas” ou, como propõe Sherer (In: *Entretiens sur l'Antiquité Classique*, t. X, p. 94), “com andar afetado”. À elegância do andar do *mégas stratēgós* opõe-se a ausência de movimentos do pequeno general. Ademais, é ele *rhoikós* em relação às pernas. Este pormenor evoca a descrição caricata do Tersites homérico: “ele era vesgo, manco de uma perna, os ombros curvados, contraídos sobre o peito. Além disso, tinha a cabeça pontuda, no alto da qual despontavam ralos fios de cabelo” (*Ilíada*, 2,217-219).

Silencia o poeta quanto aos cabelos do pequeno general. No entanto, completa-se a aparência radiosa do outro com a menção à barba quase cerrada – *hypexyreménon* – e aos cabelos cacheados – *bostrýkhoisi*. Ora, sabe-se que aos heróis homéricos e à aristocracia, de um modo geral, preocupava o cuidado com os cabelos. Encontram-se, na *Ilíada*, referências várias aos Aqueus de longos cabelos, como, por exemplo, em 3,43 – *komóontes Akhaioí*. Também no fragm. 117W de Arquíloco, Glauco, um dos notáveis de Tasos, é caracterizado como *keroplásten* – *tôn kero* – *plásten aeide Glaúkon*. Trata-se de um epíteto burlesco, uma vez que o substantivo composto, formado pela justaposição dos radicais de *kéras*, “chifre” e de *plátto* “modelar”, tem o sentido originário de “aquele que arruma os cabelos em forma de chifre”. Com os cabelos anelados, o grande general se mostra radioso, como se depreende do adjetivo *gaúros* que, aparentado a *gánymi* e *galo*, verbos que exprimem alegria e também orgulho, significa, primeiramente, “exultante” e, depois, “orgulhoso”.

Possui o *smikrós stratēgós* uma qualidade superlativa – *pléos kardés*. O substantivo *kardía* “coração”, usado, por vezes, na acepção de sede dos sentimentos, dos desejos”, conhece aqui um emprego metonímico, visto conotar a característica que se pensa ser essencial a um guerreiro, ou seja, a coragem, o ardor no desempenho de seu ofício. Se sob este aspecto, o paradigma do general lembra os valentes guerreiros homéricos, deles, conforme se observou, se distancia em muitos outros. Assim sendo, representa ele, como diz Gallavotti, “quase um repúdio ao conceito apolíneo da *kalokagathía*” (Gallavotti, 1949, p. 142).

Contrastando com a louvação das sobre-humanas façanhas individuais dos heróis homéricos, herança dos ancestrais e dádiva dos deuses, o fragm. 101W apresenta uma outra concepção de *aretê* guerreira:

*heptà gàr nekrôn pesónton, hoùs emárpsamen posín,
kheílioi phonéés eimem,*

Nada há que lembre a bravura de um guerreiro, como Diomedes que, no ardor da luta, “atirava-se pela planície, semelhante a um rio, que, transbordante por causa da tempestade, destrói as fontes com a sua correnteza”. (*Ilíada*, 5,84-85).

Nada há também que traga à lembrança aquele que Calino compara a uma fortaleza – *pyrgon* –, “pois sozinho executa façanhas dignas de muitos” – érdei gàr pollôn áxia mouños eón (Calino, fragm. 1W, 21).

Nada há que se assemelhe ao guerreiro que, como encarece Tirteu, no fragm. 12W, 21-31, por sua *aretê*, será, para sempre, objeto de glória e renome:

“Em breve derrota as falanges furiosas dos inimigos,
com o seu ardor detém as vagas da batalha.
Se ele cair na primeira fila, perdendo a cara vida,
deu glória à cidade, ao povo e ao pai,
Se for mal ferido, na frente, através do peito,
do escudo bombeado e da couraça,
choram igualmente os novos e os velhos,
Aflige-se a cidade com amarga saudade.
O seu túmulo, os seus filhos serão notáveis entre os homens,
bem como os filhos dos filhos, e toda a posteridade.
Jamais perecerá a sua nobre glória e o seu renome”.

(Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira).

Transmuda-se o *épainos* dos atos heróicos em fanfarronice, em *areté* às avessas, uma vez que é antitética às atitudes assumidas pelos heróis da epopéia homérica e às exortações da elegia marcial de Calino e Tirteu.

Ratifica essa postura o fragm. 133W em que se nega qualquer validade ao renome, à fama que, pondo em relevo as ações dos homens, perpetua sua memória através dos tempos:

*oútis aidofos met'astôn audè períphemos thanòn
génetai, khárin dè mállon toû zooû diokomen
hoi zooí, kákista d'aiei tói thanónti gínetai.*

A morte nada mais é que a finitude, esquecimento. Por isso, ao contrário do tradicionalmente estabelecido, honrarias devem ser buscadas durante a vida. Dessa maneira, “o apego dos vivos aos vivos é uma das leis da existência” (Bonnard, s/d, p. 104).

A conversão do *épainos* em *psógos* matiza-se, por vezes, com as tintas de um desdém tão grande pelo ardor guerreiro, que a coragem, valor primordial para o soldado, nivela-se com a satisfação das necessidades mais elementares do homem; como se depreende do fragm. 125W:

*mákhes dè tês sês, hóste dipséon pieên,
hòs eréo.*

Ac citar o fragmento, Ateneu observa que “a sede provoca, em todos, forte desejo do desmedido prazer dos sentidos”. Ora, o objeto de desejo é mákhes. Este desejo, porém, iguala-se à premência de saciar a sede. É bom lembrar que, segundo Chantraine, o substantivo *dípsa* do qual se deriva o verbo *dipsáo*, raramente conhece um emprego metafórico. No entanto, talvez a satisfação do desejo de luta se nivele com a saciedade do apetite sexual, visto que o sentido primeiro do *eréo*, forma jônica de *eráo*, verbo cognato de =*érus*, =*otos*), é “amar de forma sensual”.

Como se pôde observar nos fragmentos aqui analisados, o poeta despoja o herofsmo de qualquer conotação convencional. Tendo como fundamento a censura, a crítica, são eles expressão, ora de invectiva, ora de questionamentos do ideal heróico e dos valores tradicionais, ora da zombaria e do gracejo. Pertencem esses fragmentos à esfera da poesia do *psógos*, poesia que instaura um novo fazer poético, tão importante quanto a poesia do *épainos*.

Resumé

Dans ce travail, on cherche à démontrer que la poésie d'Archiloque, quoiq'elle se découvre l'héritière de la tradition poétique antérieure et qu'elle présente plusieurs aspects en commun avec le fleurissement poétique de la Grèce archaïque, s'en éloigne dans la mesure où elle ne choisit pas comme son premier axe thématique la célébration des grands faits tant divins qu'humains. Une nouvelle poétique se présente, alors: à l'*épainos* elle substitue le *psógos* que, au-delà de l'expression du dédain et du mépris, atteint aussi le champ sémantique du *gelofon*, selon le propose Bakhtin. En outre, on analyse en manière d'exemple les fragments 101 W, 114W, 122W et 133W.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTOTE. *Poétique*. Texte établi et trad. G. Hardy. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1952.
- . *Rhétorique*. Texte établi et trad. Médéric Dufour. 3^{ème} tirage. Paris: Les Belles Lettres, 1967. 3v.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas de poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- . *Récit et roman*. In: *Esthétique et théorie du roman*. Trad. Daria Olivier. Paris: Gallimard, 1978.
- BONNARD, André. Arquiloco, poeta e cidadão. In: *Civilização grega, da Ilíada ao Pártenon*. Trad. José Saramago. Lisboa: Estudos Cor, s/d, p. 93-111.
- ENTRETIENS SUR L'ANTIQUITÉ CLASSIQUE, tome X. Genève: Fondation Hardt, 1964.
- GALLAVOTTI, Carlo. Archiloco. *La parola del passato*, 11, 1949. p. 130-153.
- GENTILI, Bruno. *Poesia e pubblico nella Grecia Antica*. Roma: Editori Laterza, 1984.
- HOMÈRE. *Iliade*. Texte établi et trad. Paul Mazon. 4. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1957.
- HOMÈRE. *L'Odysée*. Texte établi et trad. Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
- IAMBI ET ELEGI GRAECI ANTE ALEXANDRUM CANTATI. 2nd. ed. Edidit M. L. West. London: Oxford University Press, 1989.
- WEST, Martin L. *Studies in Greek elegy and iambus*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1974.